

Conferência

Universidade Católica em diálogo, à luz do Concílio Vaticano II

Dom Sérgio da Rocha^{1,2}
Cardeal-arcebispo de Brasília – Presidente da CNBB

Introdução

No contexto de celebração do Jubileu do Concílio Vaticano II, torna-se ainda mais importante retomar as grandes linhas eclesiológicas desse Concílio, especialmente a relação Igreja-sociedade ou Igreja-mundo da *Gaudium et Spes* (GS), um dos quatro maiores documentos do Concílio, classificado como “Constituição Pastoral”, que trata da *Igreja no mundo de hoje*. Neste ano, estamos celebrando o Jubileu de ouro da publicação da GS (07.12.1965). Durante o Concílio, surgiu outro texto valioso que resume muito bem a postura da Igreja na sociedade, que é a primeira encíclica do Papa Paulo VI, chamada *Ecclesiam Suam* (ES), publicada em 1964, um dos mais belos tratados sobre o diálogo na Igreja, em profunda sintonia com a perspectiva eclesiológica da *Gaudium et Spes*, que pode ser resumida pelos termos “diálogo” e “serviço”.

A relação Igreja-sociedade

Recordamos, primeiramente, o texto célebre, belo e desafiador, da *Gaudium et Spes*, logo no seu início: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”³. Trata-se da Igreja que se faz solidária e participante da história; que quer discernir os “sinais dos tempos”, isto é, os sinais de Deus, os apelos de Deus, na história.

No encerramento do Concílio, Paulo VI afirmou: “nunca talvez como no tempo deste Concílio a Igreja se sentiu na necessidade de conhecer, avizinhar [...] servir [...] e, por assim dizer, atingir a sociedade humana que a rodeia”⁴.

¹ Cúria Metropolitana de Brasília, Esplanada dos Ministérios EMI Lt 12, 70050-000, Brasília, DF, Brasil. E-mail: imprensa@arquiocesedebrasil.org.br

² Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Setor de Embaixadas Sul 801, Conjunto B, St. de Embaixadas Sul, 70200-014, Brasília, DF, Brasil.

³ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. Roma, 7 de dezembro de 1965, n.1. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 20 set. 2015.

⁴ PAULO VI, Papa. *Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II*. Roma, 7 de dezembro de 1965. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html>. Acesso em: 20 set. 2015.

O diálogo somente é possível numa perspectiva de aproximação cordial. Pressupõe proximidade. Ele depende da compreensão que se tem da relação Igreja–sociedade. Há posturas equivocadas a respeito desta questão, dentre as quais se destacam duas. De um lado, a tendência à “exclusão”, com a Igreja fechada sobre si, ocupando-se unicamente de questões internas, como se nada tivesse a dizer sobre a vida social nos seus vários âmbitos. De outro lado, há a postura de dominação ou pretensão de controle da sociedade pela Igreja, o que se fosse justificado teologicamente, não seria viável numa sociedade plural e complexa como a atual.

O diálogo na perspectiva do Concílio Vaticano II

A Igreja quer avizinhar-se, aproximar-se, para dialogar e servir. “A Igreja se faz diálogo”, conforme *a Ecclesiam Suam*⁵. Mas é preciso ter presente a compreensão de diálogo do Concílio. Não tem como ponto de partida o convencimento do outro, na perspectiva de que “eu estou certo e ele errado”. No diálogo, a primeira postura pode ser resumida pelos verbos “escutar”, “compreender” e “respeitar”⁶. A Igreja quer primeiramente escutar, compreender e respeitar, numa atitude de estima e solidariedade, reconhecendo os esforços dos homens de boa-vontade na busca sincera da verdade espalhada pelo mundo, além das fronteiras da Igreja, como “sementes do Verbo”⁷. Por isso, é preciso “admitir tudo o que há de bom no dinamismo social de hoje”⁸ e “apreciar muito o que as outras Igrejas cristãs ou comunidades eclesiais realizaram e realizam”⁹ para tornar o mundo mais humano.

Daí, a abertura para o diálogo “sincero e prudente” com “todos, crentes e não-crentes”¹⁰, no discernimento atento dos seus valores, à luz da fé. A universalidade do almejado diálogo alcança “tudo o que é humano”¹¹, além dos crentes em Deus, dos cristãos separados e do interior da própria Igreja Católica, não excluindo ninguém, nem mesmo os que se opõem à Igreja¹².

Além disso, há o reconhecimento explícito de que a Igreja pode não somente oferecer ajuda, mas também “está firmemente persuadida de que pode receber preciosa e diversificada ajuda do mundo”¹³. A Igreja reconhece na GS 33 não ter sempre resposta

⁵ Cf. PAULO VI. *Carta encíclica Ecclesiam Suam sobre os caminhos da Igreja*, n.38. Roma, 6 de agosto de 1964. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html>. Acesso em: 20 set. 2015.

⁶ *Ibid.*, n.34-68.

⁷ CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja*, n.11. Roma, 7 de dezembro de 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html>. Acesso em: 20 set. 2015.

⁸ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*, n.42. Roma, 7 de dezembro de 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 20 set. 2015.

⁹ *Ibid.*, n.40.

¹⁰ *Ibid.*, n.21.

¹¹ PAULO VI. *Carta encíclica Ecclesiam Suam sobre os caminhos da Igreja*, *op.cit.*, n.34-68.

¹² Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*, *op. cit.*, n.92.

¹³ *Ibid.*, n.40.

imediate para tantos problemas do mundo atual e, por isso, quer contar com a colaboração de todos.

Isso não significa perda de identidade eclesial ou renúncia à missão evangelizadora. No diálogo, é preciso oferecer a própria contribuição, isto é, não se anula a própria identidade. Na busca de fidelidade à sua missão, o diálogo com o mundo atual não deve se traduzir num encanto ingênuo e acrítico, mas exige o confronto com os valores evangélicos, reconhecendo ao lado dos seus aspectos positivos ou valores, as suas ambiguidades e contradições, os seus limites e erros. O diálogo da Igreja com o mundo moderno em suas várias dimensões desenvolve-se como diálogo crítico-profético. A atitude profética comporta a denúncia diante dos graves problemas sociais e culturais que atentam contra a vida e a dignidade do ser humano, não permitindo instalar-se comodamente na Modernidade ou Pós-Modernidade. A Igreja em diálogo é Igreja profética.

A Igreja servidora. A perspectiva de serviço à humanidade

A Igreja que se faz diálogo é a Igreja que se faz servidora. No discurso de encerramento na última sessão do Concílio, aos 07.12.65, mesma data da publicação da GS, Paulo VI recorre à imagem do Bom Samaritano, para resumir tudo o que o Concílio quis propor. Essa imagem foi “exemplo e norma” para orientar o Concílio. Deste modo, são ressaltadas a compaixão e o serviço, a Igreja misericordiosa e servidora. É muito importante conhecer esse discurso, pela sua beleza e relevância para a compreensão do espírito do Concílio Vaticano II¹⁴. Hoje, necessitamos conjugar mais os verbos que caracterizam essa visão eclesiológica do Concílio: dialogar, servir, compadecer-se, “primeirar”¹⁵, e hoje, às portas do Ano da Misericórdia, pode-ser acrescentar um novo verbo: “misericordiar”.

O Papa Francisco tem ressaltado a misericórdia, a compaixão, o diálogo e o serviço na vida da Igreja. A Campanha da Fraternidade de 2015 retomou a palavra de Jesus “Eu vim para servir” e, no cartaz, optou pelo ícone do Lava-pés, atualizando o gesto de Jesus justamente através do Papa Francisco. No objetivo geral da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, contido nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE 2015-2019), o episcopado brasileiro propõe uma Igreja “discípula, missionária, profética e misericordiosa”¹⁶. A Igreja em saída, isto é, a Igreja missionária é a Igreja do diálogo, do serviço e da misericórdia ou compaixão.

¹⁴ Cf. PAULO VI, Papa. *Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II, op. cit.*

¹⁵ Cf. FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual.* São Paulo: Paulus, 2013.

¹⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019.* São Paulo: Paulinas, 2015. (Documentos CNBB n.102).

Universidade em diálogo

A identidade e missão de uma universidade católica devem ser compreendidas ou inseridas nessa perspectiva eclesiológica. Dentre os tantos traços que configuram a identidade e a missão de uma Universidade Católica, à luz dessa concepção eclesiológica, podemos destacar dois: a) Universidade em diálogo; b) Universidade a serviço, espaço de fraternidade e de paz.

A abertura e o diálogo a serem cultivados numa Universidade Católica são exigências essenciais de uma comunidade acadêmica e decorrem do próprio dinamismo e caráter dialogal do saber. Para ser verdadeira comunidade, é preciso estabelecer o diálogo nas diversas instâncias. Pode-se dizer, na perspectiva do Concílio Vaticano II, que a Universidade se faz diálogo!

A Universidade é um lugar de formação integral para a vida e de aprendizado conjunto, na troca de saberes ou circularidade de conhecimentos. Admitir, com humildade, a provisoriedade do atual estágio de conhecimentos leva à necessidade de aprofundamento, rumo à plenitude do conhecimento. A forma monológica de racionalidade, isto é, a racionalidade fechada, empobrece e paralisa qualquer campo do conhecimento ou instituição de ensino. A forma dialógica de racionalidade enriquece e estimula a caminhar rumo à atualização e ao aprofundamento. O pensador ensimesmado, isto é, o professor, pesquisador ou estudante, fechado sobre si, não pode existir a não ser em contradição com a própria essência do pensar que é, por sua natureza, aberto ao diálogo.

Contudo, o reconhecimento da provisoriedade do conhecimento não significa relativismo, fragmentação ou descrédito na capacidade de se conhecer a verdade, ao sabor de tendências denominadas pós-modernas. Ao contrário, esse reconhecimento estimula ao diálogo e à constante atualização, em busca do aprofundamento e da sistematização do saber, fazendo avançar sempre mais no caminho da verdade.

O que a *Gaudium et Spes* propõe para a comunidade eclesial vale muito para uma comunidade acadêmica, hoje. As “alegrias e esperanças”, “tristezas e angústias”, a que se refere essa Constituição Pastoral no n. 1, são também de cada Universidade Católica. A comunidade universitária não está fora da sociedade ou acima da história. Participa intensamente do contexto sociocultural, recebendo influência dele, mas também podendo contribuir para a transformação social. É essencial a tarefa de ajudar os professores e estudantes a se sentirem solidários, participantes da história, sujeitos da vida social e participantes da vida eclesial.

O diálogo crítico-profético deve ser cultivado. A dimensão profética integra a missão de uma instituição católica de ensino, assim como é essencial na vida da Igreja. Numa sociedade pluralista, o diálogo deve ser acompanhado de uma consciência clara da própria identidade, condição para se oferecer uma contribuição própria e estabelecer parcerias. Como instituição católica, a Universidade deve cultivar o diálogo entre fé e razão, entre fé e cultura. Nesta perspectiva, o Núcleo Fé e Cultura da PUC-Campinas, torna-se

ainda mais relevante e fator de esperança. Nesse diálogo, procura-se respeitar, ao máximo, a justa autonomia dos diferentes campos do saber e a liberdade de consciência de cada pessoa; porém, sem negar o horizonte da fé cristã e sem descuidar da comunhão eclesial. Sua contribuição específica em meio aos desafios do mundo contemporâneo, especialmente diante da crise de sentido que se reflete no agir humano e na vida social, dever estar ancorada numa correta visão antropológica e ética, na verdade sobre o ser humano e o seu agir moral. Uma instituição católica de ensino superior se distingue não somente pelo alto nível de qualidade institucional, mas também pela busca de comunhão na Igreja, preservando a sua identidade católica.

Universidade a serviço, espaço de fraternidade e de paz

A Declaração *Gravissimum Educationis*, do Concílio Vaticano II, sobre a Educação Cristã, fala do “direito universal à educação”, explicitando: “os homens todos de qualquer raça, condição e idade, em virtude da dignidade de sua pessoa, gozam do direito inalienável à educação, que corresponda à sua finalidade, à indole, à diferença de sexo, e se adapte à cultura e às tradições nacionais e ao mesmo tempo se abra à convivência fraterna com outros povos, favorecendo a união verdadeira e a paz na terra”¹⁷.

Além de promover o direito universal à educação, uma Universidade Católica se distingue pelo cultivo e promoção dos valores éticos, por meio de gestos concretos nos diversos níveis da comunidade acadêmica: o respeito, a solidariedade, a vida fraterna e a paz. Deveria ser uma casa acolhedora, onde se vive e se aprende a viver a fraternidade, no respeito à vida e à dignidade inviolável de cada pessoa humana.

A vocação de uma Universidade Católica se expressa na disposição em servir, colaborando na construção de uma sociedade justa e solidária, promovendo a educação para a cidadania e estimulando a corresponsabilidade pela vida social nos campos político, econômico e cultural. Juntamente com o diálogo fé e razão, o serviço à causa da justiça, da caridade e da paz, deve merecer especial atenção numa instituição católica de ensino superior.

Esta perspectiva de serviço e de vivência de valores éticos torna-se ainda mais relevante no atual contexto de supervalorização tecnológica e de ênfase numa formação profissionalizante em detrimento de uma formação integral. A Universidade Católica, fiel à sua identidade, não pode descuidar da perspectiva antropológica e ética iluminada pela fé cristã, a fim de superar reducionismos antropológicos e a tendência cientificista pautada pela razão instrumental.

¹⁷ CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração Gravissimum Educationis sobre a educação cristã*, n.1. Roma, 28 de outubro de 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html>. Acesso em: 20 set. 2015.

Conclusão

Hoje, são muitas as dificuldades na vida dos estudantes e dos que se dedicam à educação, na busca de um ensino de qualidade e de uma formação integral. São grandes os desafios enfrentados pelos que não se deixam prender pelos esquemas de mercado que a todos quer abarcar e tudo transformar em mercadoria. Neste contexto, torna-se ainda mais importante ter presente as grandes linhas e orientações do Concílio Vaticano II para a Igreja e as instituições católicas de ensino, especialmente para as universidades. Construir uma “Universidade em diálogo” é tarefa permanente, sempre aberta ao aprimoramento, que necessita da colaboração de todos. Para tanto, no ambiente universitário, torna-se cada vez mais necessário o cultivo da fé em Deus, sentido mais profundo da vida, assim como a vivência do amor fraterno, buscando caminhar juntos, conviver fraternalmente e assumir de modo corresponsável a vida acadêmica.